Parte I: Das origens a aliança nacional libertadora (ANL)

Observações sobre ideias socialistas, anarquistas e comunistas na imprensa (1902-1924)

Marly de Almeida Gomes Vianna

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VIANNA, M.A.G. Observações sobre ideias socialistas, anarquistas e comunistas na imprensa (1902-1924). In: SENA JÚNIOR, C.Z., ed. *Capítulos de história dos comunistas no Brasil* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 33-58. ISBN: 978-85-232-1873-7.
<https://doi.org/10.7476/9788523218737.0004>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

The background of the entire page is a grayscale photograph of a large crowd of people at a protest or demonstration. Many individuals are holding up signs and banners. A large, dark, semi-transparent 'X' is superimposed over the entire image, with its center point located near the top center of the page. The text is positioned in the lower half of the image, within one of the triangular sections created by the 'X'.

PARTE I

**DAS ORIGENS A ALIANÇA
NACIONAL LIBERTADORA (ANL)**

Observações sobre ideias socialistas, anarquistas e comunistas na imprensa (1902-1924)

Marly de Almeida Gomes Vianna

Por que a história do movimento operário? [...] Ir ao passado é sentido ainda como uma necessidade absoluta pelos militantes? [...] Por que essa história? Com que objetivo? A quem e a que ela serve, em relação ao movimento operário? [...] Não será melhor perguntar em que consiste, como funcionam os bloqueios da consciência histórica? Como superá-los para fazer surgir uma tomada de consciência, uma nova sensibilidade em relação aos problemas do passado? Uma análise crítica [...] deve colocar de um lado a produção histórica e de outro a memória coletiva, *em relação ao modo como o movimento operário, ou talvez as organizações que se dizem do movimento operário se referem à sua própria história*, com o uso que eles fazem dela e com a função política e ideológica que eles lhe dão. [...] A classe operária, postulada classe teleológica, tem necessidade da consciência histórica e, portanto, da consciência de seu passado, para cumprir sua missão.¹

Transformando um pouco a frase de Haupt, que destaquei na citação acima, tenho a intenção de entender como as lideranças que se diziam do movimento operário expressaram sua política e sua ideologia com a

1 HAUPT, J. L' *historien et le mouvement social*. Paris: Maspero, 1980. p. 19-23.

finalidade de levar consciência à classe que queriam representar e ganhar adeptos para sua causa entre outras camadas da população.

Trata-se, não de pesquisar a imprensa operária, mas de procurar entender, através de jornais, revistas, panfletos e manifestos como, nas condições concretas do Brasil, os trabalhadores organizados – fosse a que nível fosse – pensavam sua situação, baseados nas ideologias que se consolidavam no mundo e na sua reelaboração interna.

Os limites cronológicos propostos neste trabalho são: 1902, a formação de um primeiro partido socialista organizado, e época também em que o anarquismo se tornou mais presente no movimento operário; e 1924, com a aceitação pelo IV Congresso da Internacional Comunista (IC) do Partido Comunista do Brasil (PCB), como membro efetivo da organização.²

Outro objetivo do estudo é perceber como e de que forma os ideais socialistas (marxistas ou anarquistas), profundamente antiautoritários, conviveram e em muitos casos incorporaram aspectos do pensamento autoritário e principalmente elitista da sociedade brasileira; até que ponto as ideologias mais influentes nos setores que formaram o PCB – o sindicalismo revolucionário no movimento operário e o positivismo nos setores das camadas médias urbanas, sobretudo militares – com suas cargas de messianismo libertário, culto ao progresso e elitismo, respectivamente, conviveram com e reelaboraram o socialismo marxista.

Procuró discutir, principalmente, a possibilidade da organização de um movimento revolucionário atuante, com base de massas, numa sociedade com classes sociais ainda não suficientemente diferenciadas, hierarquizada e autoritária, com uma classe operária recém-formada e brutalmente reprimida, uma burguesia sem experiência de práticas liberais e camadas médias pouco identificadas com o mundo do trabalho. Se considerarmos que não havia espaço para uma organização revolucionária com influência de massa em tal sociedade, cabe indagar sobre o papel de grupos e lideranças mais avançados na proposta de transformação revolucionária da sociedade, em um contexto objetivamente limitado.

Nesse trabalho, exploro principalmente as formas do discurso político-ideológico dos socialistas, anarquistas e comunistas que, por mais correto que fosse em seus conteúdos, não conseguiram chegar ao coração das massas. A principal hipótese levantada neste trabalho é que esses grupos de esquerda, em que pese sua real vontade de transformar o mundo, de realizar uma revolução social, de sua generosidade e fraternidade para com

2 O presente trabalho é a primeira parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida e que chegará até o ano de 1954.

o próximo não conseguiram, como vanguarda militante, fugir dos parâmetros ideológicos impostos pela burguesia. Dito de outra forma, a esquerda não conseguiu formar uma contraideologia, mantendo-se no terreno delimitado pela burguesia e lutando com as armas que esta lhe oferecia.

A análise dos jornais operários, na quase totalidade anarquistas, dos primeiros 20 anos do século XX, é importante para o entendimento da construção do pensamento do que chamo generalizadamente, de “esquerda brasileira” e, especificamente, dos grupos comunistas que se juntaram no Partido Comunista do Brasil. Este foi não só o primeiro partido político de âmbito nacional formado no país, como o aglutinador de várias correntes democráticas, fosse qual fosse seu nível de adesão às ideias socialistas.

Considero importante identificar qual o nível de concordância entre o discurso ideologicamente militante dos líderes (anarquistas, socialistas e comunistas) com a ideologia que permeava o conjunto da classe operária. De que forma o discurso impresso, que expressa um tipo de visão de mundo, acolheu “às ideias mais simples e menos estruturadas que circulam entre o povo simples”.³

A propaganda ideológica entre o movimento operário, em especial, a veiculada pelo movimento anarquista do início do século, de um modo geral não era construída de baixo, ou pelo menos levando em conta uma linguagem acessível à maioria do operariado. Como chama a atenção Dario Canale⁴, não eram casuais as queixas de anarquistas e também de comunistas sobre a “incapacidade dos trabalhadores brasileiros de assimilarem suas doutrinas”.⁵ Nosso trabalhador “é de uma incultura espantosa, e ainda vergado ao peso detestável das taras dos seus ancestrais selváticos, supersticiosos e fetichistas”.⁶ Ao mesmo tempo em que o PCB, a partir de 1922, sem base de massa que lhe respaldasse a atuação política, voltava-se para as diretivas da III Internacional, os socialistas tentaram conciliar uma plataforma que atendesse ao movimento operário sem propostas de mudanças sociais radicais. Quanto aos anarquistas, suas propostas de radicais transformações sociais careciam de organização política para levá-las adiante.

Também o fato das posições do marxismo, do anarquismo ou do evolucionismo ter seduzido os intelectuais, independentemente da dimensão do

3 RUDÉ, G. *Ideologia e protesto popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 25.

4 CANALE, D. *O surgimento da seção brasileira da Internacional Comunista (1917-1928)*. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2013.

5 CANALE, op. cit., p. 271.

6 DIAS, E. A Igreja e o proletariado. *Movimento Comunista*, n. 11, p. 293.

movimento operário, foi um forte elemento de descaracterização do movimento comunista e socialista no Brasil – o que de nenhuma forma menospreza a participação de intelectuais nesses movimentos. O problema é que a intelectualidade brasileira da época, além da fraqueza teórica decorrente de uma sociedade ainda fortemente vinculada à escravidão, sem tradição de ensino superior e de mercado editorial, carecia do respaldo de um forte movimento operário e os conhecimentos sobre o marxismo também eram bastante precários. O Manifesto do Partido Comunista, de Marx e Engels, por exemplo, só foi traduzido para o português em 1923-1924, e, segundo Canale, era uma tradução de segunda mão e de qualidade bastante discutível.⁷ O Manifesto do Partido Comunista é um dos livros mais conhecidos no mundo.

O desprezo generalizado pelas práticas da democracia liberal; o autoritarismo orgânico-disciplinar dos partidos ligados à III Internacional e o fato de ser inerente a toda organização que visa uma transformação radical da sociedade a repulsa pelas formas institucionais correntes, limitou muito o espaço das organizações de esquerda. Por outro lado, os grupos anarquistas, muito atuantes nas duas primeiras décadas do século, limitaram-se a aguerridas manifestações de protesto e denúncia – especialmente através de sua imprensa. Seu programa para o futuro era a proposta de uma sociedade sem governo – sem autoridade, construída por homens que convenceriam as grandes massas da justeza de suas posições através, principalmente, da educação.

OS SOCIALISTAS

No início da década de 1840, o médico Benoît J. Mure e o engenheiro Louis L. Vauthier pregavam, no Brasil, um socialismo sansimoniano e patrocinavam publicações de cunho socialista. Benoît Mure, por exemplo, contribuiu para a edição, em Niterói, do jornal *O socialista da Província do Rio de Janeiro*, publicado de 1845 a 1847. Moniz Bandeira lista cerca de vinte publicações “socialistas”, entre 1860 e 1869 e pode-se constatar a fragilidade delas pelo pequeno tempo de sua existência.⁸

Houve ainda, sob a influência do socialismo utópico, a formação de vários clubes que difundiam ideais socialistas. Entre os propagandistas do socialismo havia pessoas oriundas da classe operária como José Veiga, França e Silva e Mariano Garcia, mas a maior parte deste grupo fazia

7 CANALE, 2013, p. 234.

8 BANDEIRA, M. *O ano vermelho*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 15-16.

parte das camadas médias urbanas, como os professores Vicente de Souza e Eugênio Borba, o jornalista Gustavo de Lacerda, o advogado Evaristo de Moraes e os médicos Estevam Estrela, Silvério Fontes, Sóter de Araújo e Carlos Escobar. Estes três últimos formaram em Santos, em 1889, o Círculo Socialista que, para Astrojildo Pereira, foi a mais antiga organização marxista de que se tem notícias no Brasil.⁹ Em 12 de dezembro de 1889, foi escrito o manifesto do círculo, divulgado pela imprensa em 1902. Esses pioneiros da difusão do socialismo no Brasil estavam imbuídos das ideias positivistas e evolucionistas em voga à época.

Evaristo de Moraes Filho assinalava, já em 1890 – pouco depois da fundação da II Internacional e da Proclamação da República –, o surgimento dos primeiros partidos socialistas, no Distrito Federal, São Paulo e Porto Alegre. No Distrito Federal, Evaristo destaca três deles: o primeiro, criado por Gustavo de Lacerda, que editou o jornal *Voz do povo*, de curta duração. O jornal e o partido tinham cunho bastante reformista, parecem ter sido criados para que seus líderes concorressem às eleições à primeira Constituinte republicana, em que foram derrotados.¹⁰ Outro partido, criado por Luiz França e Silva, também reformista, tinha como objetivo alcançar mudanças sociais, sem criar conflitos, através do sufrágio universal. O jornal do partido, chamado de *Eco Popular*, dizia na sua edição de n.º 35, em maio de 1892: “O Partido Operário não almeja escalar o poder nem monopolizar a direção suprema dos negócios públicos”. Segundo Moraes, este partido recrutou para suas fileiras principalmente pessoas da pequena burguesia e das camadas médias urbanas. Foi esse partido que convocou o Congresso Operário de 1892 que, embora com pequena repercussão, foi considerado por alguns como o Primeiro Congresso Operário Brasileiro.¹¹ O terceiro partido citado por Moraes, conhecido como Partido Operário Nacional, foi fundado por José Augusto Vinhaes, tenente da Marinha, que em 1903 criou o Centro Doméstico, dando origem o Centro Cosmopolita (rede de hotéis, restaurantes e congêneres).

Em 1895, o Círculo Socialista de Santos transformou-se em Centro Socialista de Santos, que editou, por mais de um ano, um jornal quinzenal chamado de *A questão social*, cujo primeiro número apareceu a 15 de setembro daquele ano. Sem nenhuma dúvida, o Centro Socialista teve importância na história da organização da classe operária e na difusão de ideias socialistas. No entanto, é difícil concordar com Astrojildo Pereira

9 PEREIRA, A. *Formação do PCB, 1922/1928*. Lisboa: [s.n.], 1976. p. 35-36.

10 MORAES FILHO, E. *O socialismo brasileiro*. Brasília: Câmara dos Deputados: UNB, 1981. p. 17 et seq.

11 MORAES FILHO, op. cit., p. 17.

em ter sido Silvério Fontes o pioneiro do marxismo no Brasil. O pensador francês Benoît-Malon, a grande influência ideológica no Centro, dificilmente poderia ser chamado de marxista. O editorial do primeiro número de *A questão social* era bem claro a esse respeito:

Apresenta-se hoje na arena jornalística *A Questão Social*, defendendo uma causa justa – a reivindicação dos direitos do proletariado. Na Europa, onde o socialismo chegou a seu período de maturação histórica, a propaganda vai fazendo grande proselitismo. Ali, como na América do Norte, não se confunde a doutrina que já entrou em sua *fase positiva*, nem com a república, como a ensinou Platão, nem com a utopia, como a idealizou Tomas Morus. Resultado de estudos acurados duma plêiade de pensadores, representando o *primus inter pares* Karl Marx, o socialismo encontrou, principalmente na Alemanha, sua base científica. Não queremos dizer com isso que o problema social seja uma reforma exclusivamente econômica: que o socialismo seja unicamente uma questão de ventre. É incontestável que deve ocupar o primeiro lugar a transformação econômica, pois dela nascerá a principal reivindicação proletária. Entretanto, forçoso é confessar que as aspirações humanas devem ser integralizadas e a questão social passa a ser complexa, isto é, tanto literária quanto filosófica, tanto afetiva quanto estética, tanto moral como política. E seremos nós indiferentes ao estudo desses problemas, quando talentos de primeira ordem tanto se têm preocupado com a sua difícil solução? Entre nós, as condições atuais não nos permitem encarar o socialismo como medida que se imponha por uma agitação revolucionária. Desfraldando a bandeira do coletivismo reformista, *A Questão Social*, sem paixões, que considera antagônicas à *idéia [sic] de progresso*, (propõe-se) a lutar tenazmente para que sejam mais rápidos os efeitos do *movimento evolucionista científico*, que deve dar em resultado a nova organização da Sociedade. Por maiores que sejam as preocupações dos excessivamente tímidos e as apreensões dos privilegiados, a repercussão no Brasil das idéias que se agitam no velho mundo há de ser fatal, a bem dos interesses gerais da coletividade. Oxalá o esforço que ora fazemos, pugnando pela implantação da doutrina regeneradora, encontre eco em todos os que combatem pelo nivelamento das classes, entrando com o contingente de sua colaboração para que se levante, em breve, o majestoso edifício da solidariedade e da justiça de classe.¹²

12 grifo do autor.

Foram essas ideias que influenciaram o pensamento socialista da Primeira República. O informe ao Congresso Socialista de Londres, em 1896, declara que:

No Brasil, o socialismo se encontra ainda em estado embrionário. Nas províncias do Sul, São Paulo, Rio Grande do Sul, é onde ele cresce mais, graças à emigração italiana e alemã. Em Santos há uma União Operária, um Partido Operário, que são social-democratas. Em 1895 alguns intelectuais fundaram um Centro Socialista, grupo que é também social-democrata, mas fortemente influenciado pelas obras de Benoît-Malon, que o senhor Magalhães Lima divulgou nessas regiões. Esse grupo publica em português um jornal bimensal – *A questão social*. Os homens mais em vista da social democracia brasileira são os senhores Silvério Fontes, Sóter Araújo, Carlos Escobar, Esperidião de Médicis, Mariano Garcia, Cirilo Costa, Benedito Ramos, etc. Há grupos operários alemães (União Geral dos Trabalhadores) na província de São Paulo, que formam o núcleo do Partido Operário. Aí se publica, em quatro línguas, o jornal hebdomadário social-democrata *O socialista*. Os socialistas anarquistas são muito perseguidos de três anos para cá. Não publicam mais nenhum jornal, mas editam folhetos, reedições e traduções. Os italianos fornecem o mais forte contingente ao socialismo anarquista e em sua maior parte são comunistas.¹³

O II Congresso Socialista Brasileiro aconteceu em São Paulo, entre 28 de maio e 1º de junho de 1902, com mais de 50 delegados. A maioria dos partidos socialistas apelava com frequência para a caridade, a bondade e a justiça que, segundo eles, os patrões deveriam demonstrar para com os proletários os quais, por sua vez, deveriam ter espírito de tolerância e evitar “abalos subversivos”.

Não cabe aqui listar todos os partidos operários e socialistas criados à época, dos quais citaremos mais adiante apenas os principais itens de seus programas. Coloca-se em pauta a opinião de Evaristo de Moraes Filho que contradiz as ideias sobre um socialismo brasileiro totalmente e artificialmente importado. Diz ele, sobre programas e resoluções desses partidos:

Ao contrário do que afirmam alguns críticos, não concordamos que tenham sido alienados da realidade brasileira, como que feitos e escritos para a Europa. Pelo contrário, com um mínimo de ideologia

13 HOMON, A. *Le socialisme e le congrès de Londres*. Paris: [s.n.], 1897. Cf. PEREIRA, A. Sívério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil. *Estudos Sociais*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 12, p. 407-8, nota 5, abr., 1962.

e de utopia, procuravam esses socialistas da primeira hora ser bem práticos, atentos às necessidades de toda ordem, materiais e espirituais, da classes trabalhadora naciona [sic]. Tudo que eles reivindicavam fazia-se urgente entre nós, pela melhoria da qualidade de vida do pequeno proletariado que ia surgindo.¹⁴

A concordância com Moraes não leva a desconsiderar a importância dos imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e alemães nas primeiras tentativas de organização das lutas operárias no Brasil. Sendo a esmagadora maioria do operariado, trouxeram com eles a experiência política de seus países originários e foram os responsáveis, principalmente, pela criação da imprensa operária.

As principais reivindicações dos primeiros partidos socialistas brasileiros podem ser divididas em dois grupos. Em primeiro lugar, aquelas que dizem respeito a melhores condições de vida para o operariado, tais como: melhoria das condições de trabalho, higiene e segurança; habitações higiênicas, confortáveis e baratas; contra as injustiças na cobrança de impostos; jornada de trabalho de oito horas; educação gratuita, formal e profissional; organização de um montepio para os operários, em caso de invalidez, velhice e morte; seis horas de trabalho para menores entre 14 e 16 anos e proibição do trabalho de menores de 14; descanso remunerado de um dia e meio por semana. Tais reivindicações eram as principais questões para a classe.

A segunda ordem de reivindicações era claramente política. Assim o Programa do Partido Operário do Brasil, de 1890, colocava como seu primeiro ponto: “Sustentar, por todos os meios ao seu alcance, ou pelos representantes de classe que ele mandar à Assembléia Legislativa, ou por intermédio do próprio centro executivo, todos os direitos das classes, seja qual for sua categoria”.¹⁵

O Partido Operário de São Paulo, também de 1890, propôs: “Eleger representantes que vão ao Parlamento defender os interesses dos operários e promover a realização de medidas de interesse das classes”.¹⁶ Por sua vez, o programa do Partido Operário Brasileiro, de 1893, diz que

[...] a socialização da produção, sob o regime atual da propriedade, concentra em poder da classe capitalista todos os rendimentos

14 MORAES FILHO, 1981, p. 19.

15 Ibid., p. 239.

16 Ibid., p. 240.

sociais, ficando por este fato a classe trabalhadora submetida a uma exploração física e moral cada vez mais acentuada;

Considerando que por estas condições econômicas da sociedade atual a classe trabalhadora jamais poderá emancipar-se da tutela do capital, sem que se aproprie dos meios de produção, isto é, dos instrumentos de trabalho e das matérias primas, pela restituição do solo à coletividade;

[...] procurar obter, *por todos os meios legais*, a maior soma de propriedades coletivas e preparar disciplinarmente as forças para fazer-se sentir nos destinos políticos e econômicos do Brasil.¹⁷

O que caracterizou os socialistas, e principalmente, o que os diferenciava dos anarquistas, era a ideia de um socialismo conquistado na legalidade, a importância que davam às lutas eleitorais, os apelos à compreensão e à caridade dos industriais para com os trabalhadores e, muitas vezes, a afirmação de não serem revolucionários. Comparando a politização dos operários imigrantes que por aqui chegavam com os nacionais, um dos fundadores do jornal socialista *Avanti!*, Antônio Piccarolo – expôs seu ponto de vista a respeito das primeiras tentativas de socialismo no Brasil:

Indivíduos vindos da Europa, especialmente da Itália, trazendo consigo a convicção e o ideal socialista procuraram [sic] transplanta-los no Brasil, fundando um partido socialista brasileiro. Parece perfeitamente ocioso dizer que estas tentativas encontraram sorte por completo negativa, tendo a semente caída em terreno imprevisto e contrário a todo desenvolvimento socialista.¹⁸

OS ANARQUISTAS

Apesar de bastante conhecidos, considero importante lembrar alguns pontos básicos do anarquismo, definidos por Enrico Malatesta, em seus *Princípios gerais do anarquismo*, porque sua influência foi predominante no Brasil, pelo menos no sindicalismo revolucionário, através de seu discípulo Neno Vasco. Para Malatesta, os princípios gerais ácratas são:

1º. Abolição da propriedade, capitalista ou estatal, da terra, das matérias primas e dos instrumentos de trabalho, para que ninguém

17 MORAES FILHO, 1981, p. 241, grifo do autor.

18 PICCAROLO, 1908 apud MORAES FILHO, op. cit., p. 118-119.

tenha meios de explorar o trabalho dos outros e para que todos, assegurados os meios de produzir e de viver, sejam verdadeiramente independentes e possam associar-se livremente uns com os outros no interesse comum e de conformidade com as afinidades e simpatias pessoais.

2º. Abolição do Estado e de qualquer poder que faça as leis para impô-las aos outros; portanto, a abolição de todos os órgãos governamentais e de todos os elementos que lhes são próprios, bem como de toda e qualquer instituição dotada dos meios de constranger e punir.

3º. Organização da vida social por iniciativa das associações livres e das livres federações de produtores e consumidores, criadas e modificadas conforme a vontade de seus componentes guiados pela ciência e pela experiência e libertos de toda obrigação que não se origine da necessidade natural, à qual todos de bom grado se submeterão quando lhe reconheçam o caráter inelutável.

4º. A todos serão garantidos os meios de vida, de desenvolvimento, de bem-estar, particularmente às crianças e a todos que não sejam incapazes de prover a própria subsistência.

5º. Guerra a todos os preconceitos religiosos e a todas as mentiras, mesmo que se ocultem sob o manto da ciência. Instrução completa para todos, até aos graus mais elevados.

6º. Guerra às rivalidades e aos preconceitos patrióticos. Abolição das fronteiras, confraternização de todos os povos.

7º. Libertação da família de todas as peias, de tal modo que ela resulte da prática do amor, livre de toda influência estatal ou religiosa e da opressão econômica ou física.¹⁹

Gigi Damiani, também anarquista italiano e com grande atuação no Brasil, definiu o anarquismo como “A concepção de um futuro para a Humanidade que exclua todo princípio de autoridade, de domínio e de exploração do homem pelo homem”.²⁰ E para o anarquista brasileiro, Edgar Leuenroth,

19 MALATESTA apud LEUENROTH, E. *Anarquismo, roteiro da libertação social*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963. P. 17.

20 DAMIANI apud Ibid., p. 21.

A anarquia, em filosofia positiva, é a concepção de um estado social em que o indivíduo, dono e soberano de sua pessoa, se desenvolverá livremente e no qual as relações sociais se restabelecerão entre os membros da sociedade segundo as suas opiniões, as suas afeições, as suas necessidades, sem constituição de autoridade política. Numa palavra, a Anarquia é a negação do Estado sob qualquer forma que se apresente, substituído pela iniciativa individual, exercendo-se diversamente e harmonicamente. A doutrina preconizada pela Anarquia é o *anarquismo*. Essa doutrina não é, de nenhum modo, uma concepção de sonhadores. É, pelo contrário, a conclusão social da filosofia e de toda a ciência moderna que tem por objetivo o estudo do homem e da sociedade. As bases do anarquismo são ao mesmo tempo filosóficas, morais, políticas e econômicas.²¹

Outro ponto importante do anarquismo foi o repúdio ao parlamento e à ação eleitoral. É ainda Edgar Leuenroth quem fala:

Quanto ao Parlamento:

1º A assembléia parlamentar é *incompetente* para decidir sobre qualquer assunto da vida social. Um congresso de técnicos (médicos, engenheiros, sapateiros, etc), discute com conhecimento de causa o que é de seu ofício; num Parlamento, cada ponto de vista, cada ramo do saber tem sempre para o tratar uma minoria, sendo, no entanto, a maioria que decide.

2º O seu poder limita-se a formular leis, sendo *impotentes* para as fazer aplicar, quando porventura cheguem a contrariar os interesses das classes dominantes, dos proprietários, que têm nas suas mãos as autoridades e os próprios favorecidos, seus dependentes, por meio dos salários.

3º Ambiente burguês é politicamente dominado pelos interesses capitalistas e financeiros, exerce uma inevitável corrupção sobre os que para lá entram, vindos do seio do povo trabalhador e animados das melhores intenções.

4º Dispensa o povo de agir diretamente e entretém as impaciências populares tanto mais eficazmente quanto mais atreadores e ‘revolucionários’ forem os discursos ali proferidos. *Quanto* à ação eleitoral:

21 PICCAROLO, 1908 apud MORAES FILHO, 1981, p. 31, grifo do autor.

1º Trata-se de obter número, e para isso fazem-se apenas vagas afirmações, esconde-se o ideal revolucionário e entra-se em combinações e intrigas.

2º A ação eleitoral e parlamentar leva ao socialismo uma chusma de aventureiros da pequena burguesia, de profissionais da política e do intelectualismo, etc. que corrompem e desviam o movimento.²²

Charles Melato e Jean Graves, teóricos libertários, escrevendo sobre as teorias anarquistas, colocaram que, enquanto os marxistas

[...] queriam o advento do ‘quarto Estado’; os anarquistas-comunistas proclamavam a abolição do Estado e a soberania do indivíduo. Assim surgiram as escolas do socialismo autoritário e do socialismo libertário, tendo a primeira como lema a ditadura do proletariado e a segunda a igualdade social sem governo de nenhuma espécie.²³

É importante lembrar essas definições porque elas serão, ao pé da letra, divulgadas pelos anarquistas brasileiros. Chamo a atenção para os aspectos éticos, educacionais e individualistas das teorias que fundaram o anarquismo.

Anarquismo é, em verdade, a substituição pela liberdade da regulamentação da produção, do trabalho, do consumo, da educação, das relações sociais. Os anarquistas propõem-se a substituir a organização autoritária pela organização voluntária, pelo livre contrato espontaneamente formado e eternamente dissolúvel, não ligando os homens mais do que pela comunidade de interesses e pela reciprocidade das consequências, das afinidades e das simpatias.²⁴

A assertiva do anarquista brasileiro, Fábio Luz reforça este aspecto:

O anarquista é um homem ansioso da felicidade e do amor, da justiça e paz e por isso se transforma em mártir de um ideal, em servidor abnegado de uma filosofia e de uma doutrina. Para ele, a felicidade individual depende da felicidade geral; a felicidade geral será uma resultante da igualdade econômica. Não pode haver

22 LEUENROTH, 1963, p. 57-58.

23 MELATO; GRAVE apud RODRIGUES, E. *Socialismo e sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969. p. 67.

24 HAMON apud Ibid., p. 68.

felicidade individual enquanto a dor acutilar a maioria dos homens, a fome for o quinhão dos proletários, o frio e a miséria o futuro do trabalho.²⁵

Nos primeiros anos do século XX foram os anarquistas que tiveram maior influência no movimento operário, sendo responsáveis por intensa propaganda em seu meio, através de inúmeros jornais, pela organização das lutas dos trabalhadores e pelos primeiros congressos operários. Lutavam basicamente pelas mesmas reivindicações levantadas pelos socialistas: jornada de oito horas, aumento salarial, abolição de multas, regulamentação do trabalho de mulheres e crianças, férias remuneradas, higiene nos locais de trabalho, etc. Não admitiam, no entanto, ao contrário dos socialistas (e mais tarde dos comunistas) qualquer organização de caráter político. Os anarquistas revolucionários consideravam que o sindicato não tinha caráter político e sim reivindicatório, sendo por isso a única forma de organização que aceitavam. Quer dizer, do ponto de vista organizativo, suas reivindicações não ultrapassavam as de melhores condições de vida e trabalho para a classe operária. Sua propaganda era fundamentalmente ideológica e doutrinária – daí a importância da imprensa – e pelo que chamavam de ação direta: greves, boicotes e sabotagens – não aceitando de nenhuma maneira a luta eleitoral. Em 1918 houve uma tentativa de levante armado, por parte dos anarquistas, que fracassou por ter um agente policial infiltrado em seu meio.

Edgar Leuenroth²⁶ escreveu sobre a dificuldade de registrar as primeiras atividades anarquistas no Brasil, dizendo que para fazê-lo teve que seguir as atividades de Neno Vasco, de quem falaremos mais adiante. Leuenroth afirma que os anarquistas começaram sua atividade no Brasil logo depois da Proclamação da República, com uma série de publicações, além de comícios e conferências, e ativa participação no movimento operário e na organização de grupos. Conforme se observa no trecho a seguir,

A reunião desses grupos se processa também livremente, à margem das normas disciplinares mais ou menos autoritárias. Isto é, da mesma forma que os elementos componentes de cada grupo, estes também se unem por livre acordo, de conformidade com as normas do mais amplo federalismo, articulando-se local, regional e nacionalmente por intermédio de comissões de relações, sem nenhuma atribuição de mando. [...] *Organiza-se na base do livre acordo e das*

25 LUZ apud RODRIGUES, 1969, p. 68.

26 LEUENROTH, 1963.

*diferentes espécies de afinidades: afinidades pessoais, de tendências, de iniciativas, etc., sendo que esses agrupamentos têm duração mais ou menos prolongada ou simplesmente ocasional.*²⁷

Segundo o mesmo autor, o movimento começou nos centros mais importantes do país: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, e a partir daí se espalhou para outros estados.

Um traço específico do anarquismo, bastante forte no Brasil, foi o anticlericalismo, que mereceu, inclusive, um jornal especialmente dedicado ao tema, intitulado *A Lanterna*, dirigido por Leuenroth. Diz ele:

A expressão anticlericalismo, tornando-se integral, como o fazem os anarquistas, abrange:

a) Luta contra os padres – para mostrar as contradições de suas vidas com as doutrinas que professam [...]; b) Luta contra a influência política da Igreja – pela ação direta pela propaganda extra-parlamentar; c) Denúncia do poder econômico da Igreja, da Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como divisora do proletariado, fatora do crumirismo [sic]. (Este ponto é importantíssimo).²⁸

Apesar de seu radical anticlericalismo, os anarquistas, curiosamente, não conseguiram fugir à linguagem religiosa. Em seu jornal, totalmente dedicado aos ataques à religião, dizem, por exemplo:

Portanto, é claro que nada temos a ver contra os honrados companheiros que não são anarquistas. A estes estimamo-los tanto ou mais do que aqueles que o são e isso por força desse elementar sentimento de justiça que nos leva a conceder a preferência, a nossa simpatia àqueles que mais dela necessitam – porque são estes certamente para nós os mais desgraçado.²⁹

Difícil não se lembrar da afirmativa cristã que declara que “Deus ama mais aos pecadores, pois são os que mais precisam Dele”. Em outro artigo diz Helio Negro descreve: “Saíste a campo a pregar o novo verbo com o ardor de verdadeiros apóstolos! Nas vossas palavras havia o fogo da sacra

27 LEUENROTH, 1963, p. 105.

28 LEUENROTH, 1963, p. 100.

29 A LANTERNA. São Paulo: [s.n.], n. 258, 29 ago. 1914. p. 2.

paixão convincente!”.³⁰ É comum também que descrevam o anarquista como vítima não só do capitalismo, mas da sociedade em geral: “[...] É por isso que o homem que sustentar essa idéia bela e sã que se chama anarquia está desprezado por toda a parte, até pela própria família, no lar paterno, como se fosse um cão leproso [...]”.³¹ Esta colocação certamente não atraía a maior parte do proletariado.

A educação para o movimento anarquista sempre foi fundamental. Tal aspecto ficou bastante evidente no trecho a seguir:

Os operários, que para nada precisam da burguesia, senão somente para serem por ela explorados [...] devem protestar contra toda essa ladraça canalha e fazer conhecer, no momento preciso, a sua força que, em estado latente se acha e que somente espera a fagulha, que é o livro, para fazê-la estourar e rebentar o já enfraquecido invólucro que o comprime, o capitalismo.³²

A futura sociedade anarquista tinha um aspecto bastante idílico, como a descreve José Oiticica:

[...] as indústrias divulgar-se-ão em todo o país; as fábricas surgirão no meio dos campos, a cidade difundir-se-á, por assim dizer, no campo, as casas serão contornadas por hortas e jardins, como atualmente nas grandes cidades, novas estradas sulcarão os territórios e uma troca mais útil do que a das mercadorias, uma troca de idéias e uma correspondência de sentimentos e de (ilegível) fraternos estabelecer-se-á entre os grupos de uma região e outra. Cada nação (região), tendo os seus agricultores e artífices, cada indivíduo trabalhando nos campos e nalguma arte industrial, unirá aos seus conhecimentos científicos o conhecimento de uma profissão.³³

Ou, em palavras ditas no Congresso Anarquista Sul-Americano “São esses mesmos anarquistas os precursores da felicidade universal [...] Povo! São estes que farão o teu amanhã uma série infinda de felicidades; são estes que tornarão a tua vida futura um mar de rosas [...]”.³⁴ Havia também certa dose de moralismo, pregando não só contra o álcool, um real problema para muitos operários, e também contra os bailes.

30 GERMINAL-BARRICATA. São Paulo: [s.n.], n. 1, 16 mar. 1913. p. 1.

31 A VOZ DO TRABALHADOR. São Paulo: [s.n.], 15 ago. 1909. p. 1.

32 A LANTERNA. São Paulo: [s.n.], n. 288, 15 abr. 1916.

33 GERMINAL-BARRICATA. São Paulo: [s.n.], n. 5, 13 abr. 1913. p. 3.

34 NA BARRICADA. São Paulo: [s.n.], n. 21, 28 out. 1915. p. 2.

Em um discurso para o movimento operário, comentado pelo jornal, dizia-se que o orador apelou para que “[...] os trabalhadores abandonassem as tabernas e a trocassem o copo pelo livro e terminou dizendo que o dia em que as tabernas estiverem desertas os trabalhadores empregarão suas energias, que o álcool consome, em fazer a expropriação da burguesia”.³⁵

Outro traço do anarquismo foi à defesa de um neo-malthusianismo, que embora justificado com coerência, aparece como um amargurado protesto pela exploração sofrida pelos trabalhadores.

Baseado em processos científicos, o neo-malthusianismo propaga a limitação da prole. E por que não? Parecerá isso a muitos trabalhadores, adeptos como são, em geral, da moral cristã, uma imoralidade inqualificável. No entanto, é bem mais imoral aumentar a humanidade de milhares de seres nascidos para escravos, engendrar filhos e criá-los para a exploração e para a matança no trabalho, nas guerras, como o magarefe engorda a rez para o corte. O neo-malthusianismo bem interpretado, inteligentemente praticado, não poderá deixar de ser um bem para o trabalhador.³⁶

Muitas vezes, as críticas à política e à religião surgem de maneira bastante simplista:

[...] Tampouco os trabalhadores podem ser políticos, porque a política é a arte de governar, isto é, de enganar os outros; e como a mania de querer enganar ou governar os outros é sempre de resultados funestos, também conclui-se daí que os trabalhadores devem detestar a política.

Por último, os trabalhadores não devem ser religiosos, porque a religião, qualquer que ela seja, embrutece em vez de ilustrar. E os trabalhadores, naturalmente, não quererão ser brutos.³⁷

Nos primeiros anos do século, os anarquistas desempenharam um papel fundamental na organização do movimento operário.

Pela ação dos anarquistas iniciou-se no Brasil o movimento sindical de resistência do proletariado, firmando-se sua orientação de luta anticapitalista. Além dos congressos, dos quais surgiu a

35 A GUERRA SOCIAL. São Paulo: [s.n.], n. 2, 16 jul. 1911. p. 2.

36 DIAS, C. O direito humano de reivindicar. *A Guerra Social*, São Paulo, n. 8, p. 2, 5 nov. 1911.

37 PROLETÁRIOS e burgueses. *A Guerra Social*, São Paulo, n. 27, 14 nov. 1912. p. 1.

Confederação Operária Brasileira, teve grande destaque no movimento a gloriosa Federação Operária de São Paulo, fundada em 1905, bem como as federações do Rio Grande do Sul, Paraná, Pernambuco e Pará, que agregavam, além dos sindicatos profissionais, várias Ligas Operárias espalhadas por todos os pontos do país.³⁸

Os sindicalistas revolucionários defendiam a organização sindical, porque para eles, o sindicalismo era

[...] um movimento que agrupa, por meio de associações (locais, industriais, regionais, federais, nacionais e internacionais), os trabalhadores, visando a defesa comum de seus interesses imediatos e futuros, materiais e morais, profissionais, intelectuais e sociais. Dentro do sistema que preconiza, figuram em primeiro lugar a transformação da sociedade e a abolição das classes. O sindicalismo possui, como bases morais, a solidariedade e o auxílio mútuo. Propugna a unidade humana, a colaboração intrínseca dos trabalhadores manuais e intelectuais, formando uma só família universal.³⁹

Foi imensa a contribuição de anarquistas portugueses, espanhóis e italianos no Brasil, dentre os quais destaca-se Neno Vasco, uma das figuras libertárias de maior importância, aqui e em Portugal, com grande atuação na imprensa anarquista e teórico do sindicalismo revolucionário. Neno Vasco (1878-1920), cujo nome era Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós e Vasconcelos, nasceu em Portugal. Chegou ao Brasil em 1901, para encontrar seu pai, radicado em São Paulo e logo entrou em contato com anarquistas brasileiros, como Benjamim Mota e Ricardo Gonçalves. Foi diretor do jornal *O amigo do povo*, que começou a circular em 1902 na capital paulista. Logo, a seguir lançou a revista *Aurora* e escreveu nas páginas do jornal *A voz do trabalhador*, onde discutiu as relações entre anarquismo e sindicalismo.

Voltou para Portugal em 1911, mantendo correspondência com os jornais anarquistas brasileiros. O seu principal livro foi *A concepção anarquista do sindicalismo*, publicado em 1923 e reeditado em 1984.⁴⁰ Neno Vasco detalha sua concepção:

38 LEUENROTH, 1963, p. 107.

39 BERNARD apud RODRIGUES, 1969, p. 136.

40 Sobre Neno Vasco ver SAMIS, A. *Minha pátria é o mundo inteiro*: Neno Vasco, o anarquista e o sindicalismo revolucionário em dois mundos. Lisboa: Letra livre, 2009.

O que no sindicalismo é essencial é a organização e a ação de classe do proletariado, é o *movimento sindical*. Os operários, não porque têm conscientemente este ou aquele ideal quanto à sociedade futura, mas porque são assalariados e precisam de lutar contra os patrões, agrupam-se em sindicatos (*sociedades de resistência* era muito mais apropriado), fora de qualquer partido político, como aliás as associações econômicas da própria burguesia. Da sua condição de assalariado, da sua força de trabalho e do fato de estarem agrupados para a defesa de seus interesses econômicos comuns, resulta naturalmente o emprego de certos meios de ação que giram em torno da greve. Desses meios de *ação direta* são partidários todos os operários, sejam quais forem as suas idéias políticas, sociais ou mesmo religiosas; e portanto todos se podem e devem reunir nos sindicatos para o exercício dessa ação, fazendo cada um, cá fora, se quiser, parte desse ou daquele partido político ou seita.⁴¹

A ação direta seria a principal característica do sindicalismo,

como meio [...] para levar a bom termo os seus fins, quais sejam: abolição do salariado, o desaparecimento do patronato, da propriedade privada e do Estado. O Sindicalismo Revolucionário preconiza a fusão de três grandes e importantes fatores da vida humana: mão de obra, técnica e ciência. É um sistema associativo que caminha para a completa emancipação dos trabalhadores, suprimindo o patronato pela ação direta expropriadora e o advento da sociedade futura.⁴²

Além de Neno Vasco, outros anarquistas imigrantes tiveram decisiva atuação no movimento operário brasileiro. Luigi Damiani, conhecido com Gigi, foi um deles. Entre inúmeras contribuições do anarquista italiano destaco um notável texto de reflexão autocrítica, escrito em junho de 1912:

Na verdade, empenhamo-nos por uma causa que não era nossa: a da democracia. Especializamo-nos demais no anticlericalismo, consagrando-nos a ele inteiramente, convencidos de que em terra de padre isso seria tudo. Mas dá-se que é possível ser anticlerical e reacionário ao mesmo tempo. O anticlericalismo não exclui o patrão [...] é a coisa mais ambígua e estéril desse mundo [...] Tivesse o número de companheiros aumentado, ainda que um pouco apenas, nós não teríamos chegado a esse ponto [...] Fazemos a

41 Ibid., p. 91.

42 VASCO, N. *A concepção anarquista do sindicalismo*. 2. ed. Lisboa: Afrontamento, 1984. p. 136.

propaganda anarquista, que não exclui a anti-religiosa; empenhamo-nos na ação anarquista, pois para falar mal dos padres existem os protestantes e os espíritas [...] Devemos bater de frente contra a sociedade do privilégio [...], com todas as suas mentiras patrióticas, estatais e teológicas.⁴³

Além da publicação de grande número de jornais e dos congressos operários de 1906, 1913 e 1920, os anarquistas realizaram vários outros congressos e encontros, como a Conferência Libertária de São Paulo, em junho-julho de 1914, o Congresso Anarquista Nacional do Rio de Janeiro, em 1915, ainda em 1915 o Congresso Internacional de Paz, também no Rio.

A 9 de março de 1919, foi criado o Partido Comunista Anarquista, em um congresso no Rio de Janeiro.⁴⁴ O partido não foi adiante, em grande parte pela repressão desencadeada contra ele. Edgar Rodrigues relata que “No Brasil, o anarquismo tomava o lugar do positivismo da escola de Augusto Comte, que teve papel preponderante na revolução brasileira e na derrubada do Império, positivismo que, em colaboração com a maçonaria, implantou a República no Brasil”.⁴⁵

OS COMUNISTAS

Os fundadores do Partido Comunista do Brasil vieram todos do anarquismo revolucionário, influenciados pela Revolução de Outubro na Rússia, convencidos de que uma forte organização política era indispensável para a concretização da revolução socialista. Diferiam dos anarquistas tanto nesse sentido como no que diz respeito da aceitação de hierarquias e autoridades que comandassem e coordenassem não só a vida partidária, mas a organização da futura sociedade socialista. Por outro lado, sem o traço do reformismo socialista, que buscavam fundamentalmente seguir pelas vias legais para a chegada ao poder, os comunistas admitiam a participação nas eleições.

A partir de 1919 começaram as tentativas de organização de um partido comunista e o jornal *A Liberdade*, n.º 29, de abril de 1919, publicou o programa de um partido comunista – o referido programa era bastante próximo às reivindicações anarquistas. Em janeiro de 1920, o jornal *Spartacus*

43 LA BATTAGLIA. São Paulo [s.n.], n. 361, 21 jul. 1912. p. 2.

44 Em São Paulo, o congresso ocorreu a 16 de junho do mesmo ano.

45 RODRIGUES, 1969, p. 70.

noticiava a criação do grupo comunista Zumbi. Foi uma época em que um grupo dos sindicalistas revolucionários, admiradores da Revolução Russa, procuravam se organizar de acordo com o que imaginavam ser um partido comunista. O jornal então declarava que:

Tendes amor à terra em que nascestes? Desejais que ela venha a figurar ao lado das outras pátrias na aurora que começa a despon-tar para a Humanidade? Desejais um Brasil grandioso, sem amos nem escravos? Desejais contribuir. com o vosso apoio moral, para combater os males que nos infelicitam, que nos degradam, como o analfabetismo, a política, o alcoolismo, a prostituição e o desfibra-mento das energias juvenis? Crês, como nós, que no Brasil como no mundo, nem tudo está perdido? Credes num futuro mais belo? Numa vida digna de ser vivida? Alistai-vos imediatamente, como sócio, no ‘Grupo Comunista Brasileiro Zumbi’.

[...] Contra a ditadura republicana, contra o predomínio da burgue-sia sobre as outras classes, contra o culto das incompetências, con-tra a exploração organizada, contra a mentira oficial.

Pelo homem livre sobre a terra livre, pela emancipação da mulher, pelo culto à criança, que é o homem de amanhã, pela abolição dos privilégios de classe, pela ordem proveniente de um mútuo acordo entre os homens, pela República Universal, onde todos trabalhem e onde todos tenham direito à vida.⁴⁶

O partido comunista que sobreviveu foi o fundado em março de 1922, embora sua imprensa “oficial” começasse a ser divulgada já em janeiro da-quele ano. O recém-fundado partido tinha pressa em ligar-se à Interna-cional Comunista (IC), o que lhe daria a força e o prestígio de que carecia nacionalmente. Esse empenho refletiu-se na primeira publicação do PCB, através da revista *Movimento Comunista*:

Este mensário, órgão dos Grupos Comunistas do Brasil, tem por fim defender e propagar entre nós o programa da Internacional Co-munista. Dentro dos modestos limites das nossas possibilidades, pretendemos torná-lo um repositório mensal fidedigno de doutri-na e informação do movimento comunista internacional.⁴⁷

Nesta colocação está a principal característica das ideias do PCB em seus primórdios: a referência à Revolução Russa e à sociedade soviética.

46 SPARTACUS. São Paulo, n. 23, p. 2, 1920.

47 MOVIMENTO COMUNISTA. Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, jan. 1922.

A recém-nascida imprensa comunista tratava muito pouco dos assuntos políticos nacionais. Nos raros artigos com pretensões teóricas encontram-se ainda fortes traços anarquistas, como no escrito pelo dirigente do PC no Recife, Rodolfo Coutinho:

O estudo da evolução passivista de nossa história, com as suas misérias, a falta de eficiência do pensamento revolucionário e a leveza de um caráter em formação convence de que há para nós uma necessidade visceral de Ação. A Ação, a inteligência agindo sobre a vontade, esclarecendo-a, despertando-a, é que nos pode salvar. [...] Como conseguira Ação? Estudando, refazendo corações e mentes. [...] A educação é o ponto central da política revolucionária entre nós.⁴⁸

Apesar de tratar de alguns temas nacionais, como o das eleições disputadas em 1922, “O proletariado nenhum interesse tem e intervir na contenda Nilo-Bernardes”⁴⁹, a esmagadora maioria dos artigos do mensário tratava de assuntos relacionados ao movimento comunista internacional, havendo um bom número de traduções de discursos e artigos de líderes internacionais.

O primeiro órgão oficial da imprensa comunista foi a revista *Movimento Comunista*, publicada de janeiro de 1922 a junho de 1923 (23 números, dos quais tive acesso a 13). Sendo a jovem República Soviética, o socialismo existente e sua defesa a principal referência de *Movimento Comunista*, os teóricos citados foram principalmente Stalin e outros líderes da Internacional Comunista (IC), a maioria soviéticos. Dos 104 artigos publicados nos 12 números do jornal que analisei (11 fascículos) 89 trataram de assuntos do movimento comunista internacional (85,6%); um teve pretensões teóricas (quase 1%) e apenas 14 (13,4%) trataram de problemas brasileiros. E deve-se levar em conta que alguns dos artigos que tratavam do Brasil estavam principalmente referidos à Internacional. O editorial do n.º 7, anunciando a formação do partido, diz, por exemplo:

Podemos, pois, desde agora, considerar-nos integrados de vez no seio da grande família proletária e revolucionária do mundo, a qual tem na Internacional de Moscou sua mais alta expressão ideológica e orgânica. Mas isso, com ser motivo de compreensível contentamento, constitui principalmente para nós outros, iniciadores do

48 MOVIMENTO COMUNISTA. Rio de Janeiro, n. 4, p. 109-110.

49 MOVIMENTO COMUNISTA. Rio de Janeiro, n. 2, p. 38, fev. 1922.

Partido, um feito da maior e mais grave responsabilidade. Ao constituir-se em seção brasileira da IC tomamos sobre os ombros o compromisso de uma intensa tarefa: desfraldar e sustentar, nesta parte da América, a bandeira vermelha da revolução mundial; formar, num só corpo orgânico, sólido e homogêneo, a vanguarda do proletariado nacional; organizar e orientar as grandes massas trabalhadoras do Brasil em suas lutas e movimentos de reivindicações.⁵⁰

No mesmo n.º 7, da revista *Movimento Comunista*, cujo editorial é assinado por Astrojildo Pereira, há um artigo da Comissão Central Executiva, “Nosso Congresso”, que revela os antecedentes do partido:

O mais antigo dos grupos comunistas existentes no Brasil era o de Porto Alegre, organizado em novembro de 1918, sob a denominação de União Maximalista. Esta constituía, assim, o núcleo orgânico mais antigo de decididos partidários da Revolução Sovietista Russa e da Internacional Comunista.

Noutras cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, etc., onde as camadas mais avançadas do proletariado foram sempre quase que exclusivamente influenciadas pelos anarquistas, muitos militantes demonstraram, desde a primeira hora, fundas simpatias pela obra do Partido Comunista Russo e da Terceira Internacional. Todavia, só lentamente, mercê das lições e experiências da Revolução Russa, e pela leitura direta da literatura bolchevista, foi a ideologia caótica até então predominante se transformando e firmando num sentido marxista.⁵¹

Nesse início da vida partidária, temos que levar em conta a tarefa hercúlea a que os comunistas se propuseram. Quando da fundação do partido, eram cerca de 70 militantes, “que se propunham orientar 275 mil operários industriais, exígua minoria, num total de mais de 9 milhões de trabalhadores”.⁵²

Nesse sentido – e como nossa pesquisa versa mais sobre o PCB – cabe dizer que, apesar de sua propaganda impressa estar afastada do cotidiano vivido pelos operários – principalmente levando-se em conta o refluxo do movimento nos anos de 1920, os comunistas conseguiram alguns êxitos em sua atuação junto ao movimento operário.

50 MOVIMENTO COMUNISTA. Rio de Janeiro, n. 7, p. 175-176.

51 MOVIMENTO COMUNISTA. Rio de Janeiro, n. 7, p. 177.

52 CANALE, 2013, p. 230.

Para uma política de alianças, por exemplo, os comunistas contavam, por um lado, com os intelectuais progressistas, com todas as suas características reformistas que vimos ao falar dos socialistas. Dentro do movimento operário, qualquer frente com os anarquistas estava fora de questão, depois da cisão com os sindicalistas revolucionários, que resultou na fundação do partido comunista. E a maioria do movimento operário organizado sindicalmente – uma minoria em comparação com o conjunto da classe – era claramente reformista. Para um grupo que vinha da tradição sectária anarquista a questão das alianças políticas era um problema que dificultava para sua penetração no meio operário. Apesar disso, o PCB soube enfrentar a questão. Dario Canale diz sobre o assunto:

Octávio Brandão simplificou bastante a questão das relações entre o PCB e a CSCB (Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira), julgando que Sarandy Raposo (líder operário reformista – MV) quisesse apenas chantagear o governo Bernardes, isto é, manobrar para obter mais recursos e privilégios. Mesmo que assim fosse, a abertura da CSCB ao PCB - e aos próprios anarco-sindicalistas, que não quiseram aproveitá-la, com a exceção de Carlos Dias – implicava vários riscos: por um lado, o da repressão policial e por outro a possibilidade de que algumas organizações aderentes a CSCB não concordassem e resolvessem separar-se dela. O mais provável é que a liderança da CSCB – acossada pela política econômica do governo Bernardes, que prejudicava também parte do empresariado representado nessa confederação – tentasse uma progressiva unificação do movimento sindical sob sua hegemonia, procurando aproveitar as contradições entre comunistas e libertários.⁵³

Canale refere-se ao livro de Octávio Brandão intitulado de *Combates e batalhas*, e ao observar que Sarandy não era consequente e que Bernardes tanto reprimia quanto usava de demagogia – a criação do Conselho Nacional do Trabalho, em 1923 e fazer do 1º de maio feriado nacional, em 1924 –, continua Canale:

Diante disso o PCB seguiu por algum tempo uma linha original e audaciosa, de frente com os nacional-reformistas, aproveitando as contradições entre estes e o governo federal, apesar dos atritos

53 CANALE, 2013, p. 288.

com o líder Sarandy Raposo. O PCB informou essa colaboração ao Profintern, que não colocou obstáculos. A flexibilidade dessa tática sindical do PCB permitiu-lhe, pela primeira e talvez única vez, nos anos 1920, lançar uma ofensiva em direção à maioria absoluta dos trabalhadores então organizados, saindo do círculo restrito das seitas libertárias. Além disso, o trabalho de frente oferecia certa cobertura contra as investidas policiais. Em terceiro lugar, a aliança tática com a CSCB permitiu esboçar um processo de unificação sindical no Rio de Janeiro; este não teve continuidade, mas já apresentava uma superação do isolacionismo anarco-sindicalista.⁵⁴

A participação na Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira (CSCB) permitiu ainda que o partido tivesse acesso ao jornal *O País*, de âmbito nacional, onde “publicou vários artigos tirados da imprensa da IC e até trechos da obra de Lênin”.⁵⁵ Essa e outras iniciativas do PCB, tentando acertar numa política para a realidade brasileira, como a busca de aliança com os tenentes e a fundação do Bloco Operário e Camponês foram frustradas pela intervenção da IC na vida do partido, mas isso só ocorreu a partir de 1929 e foge do período aqui analisado.

O jornal que melhor expressou as posições do PCB foi *A Classe Operária*, a revista *Movimento Comunista* fez parte da constituição do partido e demonstrou a necessidade da jovem organização de respaldar-se na autoridade da Revolução Russa. Já, o jornal *A Classe Operária* tratou dos problemas brasileiros na grande totalidade de seus artigos, mas tratava-os sempre relacionados à necessidade da revolução mundial, aos interesses da IC e utilizando seus conceitos, forjados em outra situação histórica, e em avaliações quase sempre erradas, no que dizia respeito à América do Sul. As poucas tentativas de pensar a realidade nacional – como a organização do Bloco Operário e Camponês – não foram bem-vistas pela IC, e no início de 1930, Astrojildo Pereira, foi expulso do partido como renegado, liquidacionista e antipartido. A partir daí, embora tratando de problemas brasileiros, o jornal era feito muito mais para ser aprovado pela IC do que para os trabalhadores nacionais, com palavras de ordem que, mesmo sendo justas, eram tão formalmente colocadas que não foram capazes de empolgar o operariado nacional.

54 CANALE, 2013, p. 289.

55 Ibid., p. 289.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Retomo aqui algumas das questões levantadas no início, em especial a dificuldade dos líderes operários em criar uma contraideologia e, portanto, a tendência em aceitar a luta nos termos colocados pela burguesia. Um exemplo disso foi a questão da repressão ao anarquismo – um dos principais argumentos do governo para tal repressão era o de que os operários brasileiros seriam gentis, cordatos e estariam longe de atitudes agressivas contra seus patrões, e que tais atitudes seriam típicas dos “famigerados” operários estrangeiros, os anarquistas, no caso. O posicionamento anarquista não buscou desmascarar o nacionalismo grosseiro, e nem mostrar que todos eram operários, independentemente de sua nacionalidade. Em resposta, buscou provar à burguesia que a maioria dos operários anarquistas era de brasileiros.

Os socialistas, apesar de uma maioria reformista entre os operários organizados e das concessões que estavam dispostos a fazer, chamando às transformações sociais sem revoluções, não foram capazes de organizar um partido de massas, com peso na realidade nacional.

Os anarquistas, apesar de se chamarem libertários para se diferenciar dos marxistas “autoritários”, demonstravam algum desprezo – e maior intolerância – pelos que não aderiam ou não compreendiam sua doutrina. O discurso dos anarquistas era frequentemente bastante doutrinário, falando de teorias e enaltecendo a educação. Por outro lado, o operário era sempre considerado um infeliz, um “pobre coitado”, que via seus filhinhos sem pão, morrerem à mingua ou pela brutal exploração do patrão. Não havia qualquer exagero nisso, mas a imagem era apresentada de forma desoladora, o retrato de um desgraçado, e dificilmente alguém gosta de ver sua imagem retratada desta forma, por mais verdadeira que seja.

As conclusões da pesquisa aqui realizada revelou que o doutrinário afastou os grupos anarquistas dos movimentos sociais que englobavam camadas da população distantes dos operários industriais. Destaca-se o fato de não haver menção nos jornais e revistas anarquistas – pelo menos nos jornais e revistas a que tive acesso, e que foram muitas –, aos movimentos sociais que convulsionaram o país na primeira República. Nos jornais do início do século não se fazia qualquer menção ao massacre de Canudos e da extrema violência oriunda da repressão. Não foram encontradas nenhuma palavra sobre a Insurreição de Juazeiro, em 1914, e quase nada sobre a guerra do Contestado, de 1912 a 1916.

Os jornais de grande tiragem e periodicidade que foram consultados – *A Guerra Social*, *Na Barricada*, *Guerra Sociale*, *A Lanterna* e *A Voz do Trabalhador* –, no período de 1912 a 1916 não fazem referência sobre o evento

da Guerra do Contestado. Em 1913, no II Congresso Operário também não foi identificada referências a respeito da Guerra Santa. Vários artigos que examinam criticamente o problema religioso deixam de lado qualquer manifestação da religiosidade popular, apenas o catolicismo e a Igreja Católica foram levados em consideração. É bem provável que o elitismo, referido acima, tenha feito com que as revoluções citadas fossem entendidas como grupo de “fanáticos”, e por isto não foram levados em conta. No entanto, verifica-se nos documentos consultados que esses grupos lutaram bravamente pelo direito à terra e contra as companhias internacionais do truste de Percival Farquhar, que os exploravam brutalmente e foram massacrados.

Já os comunistas, no início de sua existência, repetiam informes e teorias que lhes chegavam da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ao que se habituaram de tal forma que não deixaram mais de produzir informes pesados e repetitivos, ou alguns artigos que dificilmente empolgariam o proletariado, como, por exemplo, “A ‘razão pura’ de Kant e a ditadura do proletariado”.⁵⁶

Paolo Spriano cita Gramsci sobre a revista *Ordine Nuovo*: “A posição de *Ordine Nuovo* consistia, essencialmente, em ter sabido traduzir em linguagem histórica italiana os principais postulados da doutrina e da tática da Internacional Comunista”.⁵⁷ Saber traduzir as palavras de ordem internacionais em linguagem acessível ao proletariado foi uma das dificuldades encontradas tanto pelos anarquistas quanto pelos comunistas.

Mas é preciso voltar a assinalar a dificuldade de ser vanguarda política – anarquista ou comunista – de uma classe que começava a se formar, sem qualquer experiência de convivência social democrática ou de organização, além de sofrer uma repressão inacreditavelmente brutal: salários miseráveis, péssimas condições de trabalho, crianças subnutridas que praticamente dormiam nas fábricas, jornada de trabalho, prisões, espancamentos, deportações e assassinatos. Ao mesmo tempo em que se assinalam as dificuldades para a constituição de um grupo político de peso nacional, deve-se notar também a importância desses grupos na luta pela organização da classe operária e na construção de uma consciência proletária. Se é verdade que não chegaram a construir um partido de massa, também é verdade que foi sua presença e atuação que conseguiu todas as conquistas que obteve a classe operária. Poucas conquistas materiais, mas principalmente os esforços para a construção da dignidade da classe.

56 MOVIMENTO COMUNISTA. Rio de Janeiro, n. 2, p. 89.

57 SPRIANO, P. *Storia del Partito Comunista italiano. Volume 1, de Bordiga a Gramsci*. Torino: Enaidi, 1974. p 49.